

TERMO DE AUTORIZAÇÃO PARA DISPONIBILIZAÇÃO NO REPOSITÓRIO DIGITAL DO IFG - ReDi IFG

Com base no disposto na Lei Federal nº 9.610/98, AUTORIZO o Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás, a disponibilizar gratuitamente o documento no Repositório Digital (ReDi IFG), sem ressarcimento de direitos autorais, conforme permissão assinada abaixo, em formato digital para fins de leitura, download e impressão, a título de divulgação da produção técnico-científica no IFG.

Identificação da Produção Técnico-Científica

- | | |
|--|---|
| <input type="checkbox"/> Tese | <input type="checkbox"/> Artigo Científico |
| <input type="checkbox"/> Dissertação | <input type="checkbox"/> Capítulo de Livro |
| <input type="checkbox"/> Monografia – Especialização | <input type="checkbox"/> Livro |
| <input type="checkbox"/> TCC - Graduação | <input type="checkbox"/> Trabalho Apresentado em Evento |
| <input checked="" type="checkbox"/> Produto Técnico e Educacional -Tipo: minicurso | |

Nome Completo do Autor: Vânia Alves Carvalho

Matrícula: 20192020280081

Título do Trabalho: Contação de Histórias na aprendizagem matemática

Autorização - Marque uma das opções

- Autorizo disponibilizar meu trabalho no Repositório Digital do IFG (acesso aberto);
- Autorizo disponibilizar meu trabalho no Repositório Digital do IFG somente após a data ___/___/___ (Embargo);
- Não autorizo disponibilizar meu trabalho no Repositório Digital do IFG (acesso restrito).

Ao indicar a opção **2 ou 3**, marque a justificativa:

- O documento está sujeito a registro de patente.
 O documento pode vir a ser publicado como livro, capítulo de livro ou artigo.
 Outra justificativa: _____

DECLARAÇÃO DE DISTRIBUIÇÃO NÃO-EXCLUSIVA

O/A referido/a autor/a declara que:

- o documento é seu trabalho original, detém os direitos autorais da produção técnico-científica e não infringe os direitos de qualquer outra pessoa ou entidade;
- obteve autorização de quaisquer materiais incluídos no documento do qual não detém os direitos de autor/a, para conceder ao Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás os direitos requeridos e que este material cujos direitos autorais são de terceiros, estão claramente identificados e reconhecidos no texto ou conteúdo do documento entregue;
- cumpriu quaisquer obrigações exigidas por contrato ou acordo, caso o documento entregue seja baseado em trabalho financiado ou apoiado por outra instituição que não o Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás.

Jataí, 26/01/2022



Assinatura do Autor e/ou Detentor dos Direitos Autorais

TERMO DE AUTORIZAÇÃO PARA DISPONIBILIZAÇÃO NO REPOSITÓRIO DIGITAL DO IFG - ReDi IFG

Com base no disposto na Lei Federal nº 9.610/98, AUTORIZO o Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás, a disponibilizar gratuitamente o documento no Repositório Digital (ReDi IFG), sem ressarcimento de direitos autorais, conforme permissão assinada abaixo, em formato digital para fins de leitura, download e impressão, a título de divulgação da produção técnico-científica no IFG.

Identificação da Produção Técnico-Científica

- | | |
|---|---|
| <input type="checkbox"/> Tese | <input type="checkbox"/> Artigo Científico |
| <input type="checkbox"/> Dissertação | <input type="checkbox"/> Capítulo de Livro |
| <input type="checkbox"/> Monografia – Especialização | <input type="checkbox"/> Livro |
| <input type="checkbox"/> TCC - Graduação | <input type="checkbox"/> Trabalho Apresentado em Evento |
| <input checked="" type="checkbox"/> Produto Técnico e Educacional - Tipo: minicurso | |

Nome Completo da Autora: Flomar Ambrosina Oliveira Chagas

Matrícula:1037643

Título do Trabalho: Contação de Histórias na aprendizagem matemática

Autorização - Marque uma das opções

1. (X) Autorizo disponibilizar meu trabalho no Repositório Digital do IFG (acesso aberto);
2. () Autorizo disponibilizar meu trabalho no Repositório Digital do IFG somente após a data ___/___/___ (Embargo);
3. () Não autorizo disponibilizar meu trabalho no Repositório Digital do IFG (acesso restrito).
Ao indicar a opção **2 ou 3**, marque a justificativa:
() O documento está sujeito a registro de patente.
() O documento pode vir a ser publicado como livro, capítulo de livro ou artigo.
() Outra justificativa: _____

DECLARAÇÃO DE DISTRIBUIÇÃO NÃO-EXCLUSIVA

O/A referido/a autor/a declara que:

- i. o documento é seu trabalho original, detém os direitos autorais da produção técnico-científica e não infringe os direitos de qualquer outra pessoa ou entidade;
- ii. obteve autorização de quaisquer materiais inclusos no documento do qual não detém os direitos de autor/a, para conceder ao Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás os direitos requeridos e que este material cujos direitos autorais são de terceiros, estão claramente identificados e reconhecidos no texto ou conteúdo do documento entregue;
- iii. cumpriu quaisquer obrigações exigidas por contrato ou acordo, caso o documento entregue seja baseado em trabalho financiado ou apoiado por outra instituição que não o Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás.

Jataí, 27 de janeiro de 2022.



Assinatura da Autora e/ou Detentora dos Direitos Autorais

*Vânia Alves Carvalho
Flomar Ambrosina Oliveira Chagas*

*Contação de Histórias na Aprendizagem
Matemática*

*Era uma
Vez...*



Produto Educacional vinculado à dissertação

*A Contação de Histórias e a aprendizagem das quatro operações fundamentais
da matemática em turmas de 5º ano*

Autorizo, para fins de estudo e de pesquisa, a reprodução e a divulgação total ou parcial deste Produto Educacional, em meio convencional ou eletrônico, desde que a fonte seja citada.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação na (CIP)

Carvalho, Vânia Alves.

Contação de Histórias na aprendizagem matemática: Produto Educacional vinculado à dissertação “A Contação de Histórias e a aprendizagem das quatro operações fundamentais da matemática em turmas de 5º ano” [manuscrito] / Vânia Alves Carvalho, Flomar Ambrosina Oliveira Chagas. -- 2022.

29 f.

Produto Educacional (Mestrado) – IFG – Câmpus Jataí, Programa de Pós-Graduação em Educação para Ciências e Matemática, 2022.

Bibliografia. Apêndices.

1. Contação de Histórias. 2. Aprendizagem matemática. 3. Quatro operações. 4. 5º ano. I. Chagas, Flomar Ambrosina Oliveira. II. IFG, Câmpus Jataí. III. Título.



INSTITUTO FEDERAL
Goiás

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
SECRETARIA DE EDUCAÇÃO PROFISSIONAL E TECNOLÓGICA
INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA DE GOIÁS
CÂMPUS JATAÍ

VÂNIA ALVES CARVALHO

CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS NA APRENDIZAGEM MATEMÁTICA

Produto Educacional apresentado ao Programa de Pós-Graduação em Educação para Ciências e Matemática do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás – Câmpus Jataí, como parte dos requisitos para a obtenção do título de Mestre(a) em Educação para Ciências e Matemática, defendida e aprovada, em 16 de dezembro de 2021, pela banca examinadora constituída por: **Profa. Dra. Flomar Ambrosina Oliveira Chagas** - Presidente da banca / Orientadora - Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás; **Profa. Dra. Vanderleida Rosa de Freitas e Queiroz** - Membro interno - Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás e **Prof. Dr. Claudionor Renato da Silva** - Membro externo - Universidade Federal de Jataí. A sessão de defesa foi devidamente registrada em ata que depois de assinada foi arquivada no dossiê da aluna.

(assinado eletronicamente)

Profa. Dra. Flomar Ambrosina Oliveira Chagas
Presidente da Banca (Orientadora - IFG)

(assinado eletronicamente)

Profa. Dra. Vanderleida Rosa de Freitas e Queiroz
Membro Interno (IFG)

(assinado eletronicamente)

Prof. Dr. Claudionor Renato da Silva
Membro Externo (UFJ)

Documento assinado eletronicamente por:

- **Claudionor Renato da Silva, Claudionor Renato da Silva - 234515 - Docente de ensino superior na área de pesquisa educacional - Ufj (35840659000130)**, em 21/03/2022 21:32:34.
- **Vanderleida Rosa de Freitas e Queiroz, PROFESSOR ENS BASICO TECN TECNOLOGICO**, em 14/03/2022 09:01:50.
- **Flomar Ambrosina Oliveira Chagas, PROFESSOR ENS BASICO TECN TECNOLOGICO**, em 11/03/2022 10:46:36.

Este documento foi emitido pelo SUAP em 10/03/2022. Para comprovar sua autenticidade, faça a leitura do QRCode ao lado ou acesse <https://suap.ifg.edu.br/autenticar-documento/> e forneça os dados abaixo:

Código Verificador: 255601
Código de Autenticação: a45f0761ec



SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO	5
INTRODUÇÃO.....	7
METODOLOGIA PARA O MINICURSO.....	10
I ENCONTRO	10
II ENCONTRO.....	11
III ENCONTRO	12
IV ENCONTRO	13
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	16
REFERÊNCIAS.....	18
APÊNDICES	19
ANEXOS	21

APRESENTAÇÃO

Caras (os) colegas, professoras e professores,

Apresentamos uma Proposta Formativa Docente - Minicurso, cujo objetivo é servir de subsídio de pesquisa para professoras e professores do Ensino Fundamental I. É um produto destinado à formação de professores (as) de 5º ano, porém, também pode ser fonte de pesquisa para docentes que atuam em outras séries do Ensino Fundamental I e II, bem como para estudiosos da educação que queiram conhecê-lo.

A proposta inicial do minicurso foi pensada para o modo presencial com as professoras e professores de 5º ano, no entanto, a situação de pandemia, a partir do mês de março do ano de 2020 e que perdura ainda no ano de 2021, em virtude da propagação da ovid 19¹, levou-nos a adaptá-la para o modo remoto. Todavia, as atividades, tanto podem ser utilizadas em aulas presenciais como de forma remota.

Para o desenvolvimento desta proposta, tivemos como objetivo principal preparar professoras (es) para a prática da Contação de Histórias com uma linguagem matemática. Abordamos a contribuição dessa prática pedagógica para além da matemática, na aprendizagem escolar em geral, bem como no desenvolvimento integral discente. Uma estratégia que possa ir além da escola, e principalmente, proporcione afetividade, e a partir dela, o desenvolvimento da cognição. Consideramos, assim, como elementos indispensáveis para a aprendizagem, a relação: afetividade-aprendizagem-matemática-Contação de Histórias. Trata-se de um produto educacional conforme exigências do Programa de Pós-Graduação em Educação para Ciências e Matemática do Instituto Federal de Goiás, Câmpus de Jataí (IFG-Jataí) vinculado à dissertação *A Contação de Histórias e a aprendizagem das quatro operações fundamentais da matemática em turmas de 5º ano*.

Para a proposta, tivemos como principal aporte teórico: Smole (2007), Matos (2014), Café (2015), Yunes (2015) e Duarte (2017).

Entre outras propostas, oferecemos às professoras (es) momentos de [Contação de Histórias](#)², de forma que essa vivência pudesse capacitá-las (los) a proporcionar esse prazer de ouvir histórias a suas (seus) discentes. De acordo com Parreiras (2009, p. 11), “viver a literatura não é tarefa fácil. Costumamos transmitir o que aprendemos. Se muitos professores e professoras não aprenderam a lidar com a literatura e com as outras artes (plástica, teatral, musical), como transmitir aos alunos e alunas o que não viveram?”.

¹ Segundo a Organização Mundial da Saúde (OMS), é a doença causada pela infecção do novo coronavírus, cujo nome oficial é SARS-CoV-2. A sigla Covid vem do inglês, COrona VIRus Disease e o número 19 diz respeito ao ano 2019.

² A Contação de Histórias desenvolvida para o momento formativo desta proposta está disponível no Youtube, com acesso pelo [link https://youtu.be/5u-EGEKlcio](https://youtu.be/5u-EGEKlcio).

Nos quatro encontros realizados, pudemos sanar as dúvidas iniciais da pesquisadora por meio da questão problema levantada: *Quais as contribuições da Contação de Histórias para o ensino das quatro operações fundamentais de matemática em turmas de 5º ano?* Também oportunizamos, por meio do minicurso, reflexões grupais com as (os) professoras (es) a partir da escolha conjunta de livros literários com abordagem matemática. Além da escolha participativa, foi possível propormos mudanças para a prática pedagógica, bem como oferecer caminhos para isso, por meio da atualização e do aprofundamento dos conhecimentos teóricos e práticos da (o) professora (or) com momentos formativos e de atualização dos conhecimentos.

Desejamos uma ótima leitura e que este material contribua para sua formação como professora (or) contadora (or) de histórias!!



Era uma
Vez...

INTRODUÇÃO

A literatura, por ser um recurso de interação social e comunicação, desempenha o papel de formação cidadã e difusão de conhecimentos culturais acumulados ao longo dos séculos. No entanto, a literatura, por ela só, quando nos referimos a crianças, pouco pode fazer. É necessário algo mais que apenas o livro físico e estático. Há, nesse jogo, um terceiro elemento responsável por tirar o livro de sua inércia e torná-lo dinâmico; esse elemento é a (o) professora (or), mais especificamente, a professora e o professor contadores de histórias. Villardi (2012) escreve que “é necessário ensinar a gostar de ler mais que ensinar a ler”, e é a partir da literatura, arte cujo instrumento é a linguagem, e mais especificamente da Contação de Histórias que professoras e professores conseguirão atingir esse objetivo.

Ouvir histórias estimula a imaginação, desenvolve infinitas habilidades e o potencial linguístico, sendo, também uma estratégia de alfabetização, somada a outras interferências da professora (or) para a aquisição do sistema de escrita. Dessa forma, mesmo que o objetivo desse minicurso não seja a alfabetização, pois o que se abordou nos encontros foram os aspectos afetivos em paralelo com a Contação de Histórias e a aprendizagem matemática, é importante mencionar, as vantagens que a estratégia de contar histórias pode trazer a criança, visto que a alfabetização está intimamente ligada à literatura e à Contação de Histórias. Conforme Parreiras (2009, p. 17),

A literatura é a única manifestação de arte que tem uma condição para o leitor: ser alfabetizado. Diferente do teatro, da pintura, da escultura, da música, e da dança, que não apresentam condições para o espectador, a literatura exige que o leitor saiba ler. A criança pequena depende do adulto para fazer a mediação da leitura. E a criança maior, já alfabetizada, precisa do adulto para aproximá-la do livro, sejam eles, os pais, os tios, o professor ou o bibliotecário. Isso faz com que a nossa responsabilidade como adulto seja muito grande.

A Contação de Histórias é capaz de alfabetizar tanto no sentido da decodificação de letras e sílabas, para crianças em fase de alfabetização, como também promover o letramento social, para crianças maiores, adolescentes e adultos. Quando nos referimos a letramento social, pensamos a matemática como primordial para inserção social do indivíduo em uma sociedade letrada, não no sentido de ser letrado para servir a um sistema capitalista, cujas ideias se centram na resolução de problemas sociais sem nenhuma mudança na forma de organização da sociedade e distribuição do capital, conforme Duarte (2017). Ao contrário disso, ser letrado para compreender a sua práxis sobre o contexto social.

De acordo com Leite (2006, p. 17), as ações da professora (or) ao desenvolver sua prática pedagógica interferem na aprendizagem da criança e sua relação com o objeto de conhecimento a partir do afeto.

A partir da ampliação dos conhecimentos sobre a emoção e seus complexos processos de constituição, o conceito de homem centrado apenas na sua dimensão racional, típico da visão cartesiana, vem sendo revisto, em direção a uma visão de constituição do ser humano, em que afetividade e cognição passam a ser interpretadas como dimensões indissociáveis do mesmo processo, não sendo mais aceitável analisá-las isoladamente.

Conforme este autor, a criança vai construindo a sua vida afetiva a partir de sensibilizações que a atraem para as pessoas com as quais ela convive. Na maioria das vezes, nossas (os) discentes passam mais tempo com as professoras e os professores em sala de aula, do que com as próprias mães e pais. Sendo assim, esse elo de afetividade precisa ser fortalecido entre os pares, e a Contação de Histórias, que por essência necessita da mediação da pessoa adulta, tem função primordial no desenvolvimento cognitivo, bem como do afetivo. Nesse estudo, consideramos relevante também as relações afetivas desenvolvidas com outras pessoas da equipe escolar, como coordenadoras (es) e diretoras (es), mas, se o maior tempo de convívio é com docentes, em sala de aula ou em atividades extraclasse, esses se tornam os indivíduos elementares para desenvolver os laços afetivos. De acordo com Dantas (1993, p. 85-86), “é a atividade emocional que realiza a transição entre o estado orgânico do ser e sua etapa cognitiva racional, que só pode ser atingida através da mediação cultural.”

Reiteramos que a referência à palavra leitura para o que se pretendeu nesse minicurso, bem como a sua promoção e hábito, deve ser compreendida a partir da mediação da (o) professora (or) contadora (or) de histórias, cujo ofício não deve ser didatizante em primeiro lugar, mas que essa escolarização da literatura seja a consequência de uma rica Contação de Histórias, conforme define Matos (2014, p.177),

[...] dentro dos muros da escola, onde os saberes se constituem pela didatização ou pela pedagogização de conhecimentos e práticas culturais. Na escola, a tentação a transformar qualquer linguagem ou qualquer forma de expressão em algo que seja útil aos seus objetivos, leva à escolarização também da palavra do contador de histórias, colocando em risco a sua possível dimensão educativa.

A prática da Contação de Histórias, que aborda conceitos matemáticos, porém sem perder a essência da literalidade é uma forma de melhorar os índices de aprendizagem em relação à matemática. Ao mencionarmos a palavra leitura, essa deve ser lida e compreendida como: a Contação de Histórias como proporcionadora das habilidades básicas de leitura, entre elas: a decodificação, compreensão, interpretação e retenção. Além, de levar a criança a fazer inferências, levantamento de hipóteses sobre a leitura a ser realizada e, por fim, comprovar ou refutar tais hipóteses. Conforme Smole (2007, p. 68),

Em qualquer área do conhecimento, a leitura deve possibilitar a compreensão de diferentes linguagens, de modo que os alunos adquiram uma certa autonomia no processo de aprender. Em uma situação de aprendizagem significativa, a leitura é reflexiva e exige que o leitor se posicione diante de novas informações, buscando a partir da leitura, novas compreensões.

A Contação de Histórias desenvolve o ato de ler convencionalmente, todavia, a metodologia proposta no minicurso é que esse ato vá além de análises de proficiências de leitura. Esperamos que o ouvir histórias com uma abordagem matemática possa desenvolver a leitura fluente e também com compreensão de conceitos matemáticos. Para isso, dois princípios são essenciais: que a professora e o professor saibam reconhecer o livro para determinado momento de fruição e aprendizagem e que sejam contadoras (es) de histórias.

Mesmo que a estratégia da Contação de Histórias tenha ocupado um espaço significativo em nossos espaços escolares e extraescolares, conforme Café (2015), ainda se faz necessário que haja uma sistematização desse trabalho. As (os) professoras (es) contam histórias, e fazem isso bem, mas nem todas (os) possuem suficientes subsídios teóricos e metodológicos capazes de converterem essa interação afetiva em real aprendizagem, mais especificamente, em aprendizagem matemática.

Dessa forma, os encontros foram realizados por meio de sala virtual do *Google Meet*, em quatro módulos, um em cada dia da semana, no período noturno, com duração de sessenta minutos, somando quatro horas. As atividades propostas para serem realizadas extraclasse também foram computadas como um encontro de sessenta minutos. Assim, obtivemos um total de 8 horas de formação.

O primeiro encontro teve como eixo orientador as respostas do questionário virtual aplicado à (aos) cursistas, via *Google Forms*, sobre as suas vivências com a literatura e a Contação de Histórias. Em seguida, passamos ao estudo do conceito de literalidade e a sua ausência ou presença nos textos em estudo. No segundo encontro, abordamos os princípios e fundamentos que guiam a (o) contadora (or) de histórias: memória, imaginação, emoção e espontaneidade. A pauta para o terceiro encontro foi a escolha e preparação do repertório, o espaço utilizado, a linguagem corporal e o uso ou não de maquiagem, acessórios e figurinos na Contação de Histórias. Tanto o primeiro encontro como o segundo, tiveram como principal base teórica Café (2015). E no quarto encontro, orientamos as (os) cursistas sobre como relacionar os fundamentos da Contação de Histórias com a aprendizagem matemática, Smole (2004).

Após os quatro encontros, foi enviada às (aos) cursistas, também via *Google Forms*, a avaliação final do minicurso. A metodologia é apresentada, de forma mais detalhada, no próximo tópico.

**METODOLOGIA PROPOSTA PARA
O MINICURSO**

I ENCONTRO	
Duração	60 minutos
Assunto	As dificuldades das (dos) docentes com a oralidade, a memorização dos contos e a contação de histórias (conforme dados do questionário). Conceito de literariedade.
Objetivos	Reconhecer quem é a (o) contadora (or) de histórias na contemporaneidade e a importância da oralidade. Refletir a própria experiência, tendo um corpus teórico que embasa o ato de contar histórias. Reconhecer o conceito de literariedade em um conto lido. Perceber as (os) contadoras (es) de histórias inserido na cultura, na educação e na arte. Reconhecer a presença ou não da linguagem matemática nas leituras escolhidas para a contação de histórias.
Procedimentos	Apresentação do Minicurso. Devolutiva da atividade extraclasse proposta anteriormente, via <i>whatsApp</i> : questionamento às (aos) cursistas em relação à leitura do conto “ <i>Aluguel de Pasto</i> ” de Basileu Toledo França. Como perceberam o conceito de literariedade e se o conto poderia ser trabalhado com discentes do 5º ano, e ainda, se as (os) docentes perceberam a linguagem matemática presente na narrativa. Problematização: contar histórias não é privilégio de alguns, basta que se desenvolva a prática, diferença entre a contadora (or) tradicional e a (o) contemporânea (o), dificuldades com a oralidade, conceito de narrativa, alguns aspectos da sociolinguística e a necessidade de se compreender a (o) contadora (or) de histórias inserido na cultura, na educação e na arte, conceitos que estão intimamente relacionados à preparação do conto, bem como as técnicas corporais envolvidas na sua contação.
Recursos Utilizados	Sala do <i>Google Meet</i> : https://meet.google.com/ebn-qozo-egw slides, conto enviado via <i>WhatsApp</i> , material para anotação.
Proposta de atividades extraclasse- 60 min	Leitura prévia do conto “ <i>Aluguel de Pasto</i> ”, do escritor jataiense Basileu Toledo França ³ , enviado por <i>Whatsapp</i> , antes do I encontro.

³ Nascido em 18 de setembro de 1919, viveu até os 84 anos estudando, conhecendo, descobrindo e produzindo livros, entre eles, *Pioneiros*. No ano de 2019, foi comemorado o seu centenário em Jataí-GO, no Centro Cultural Municipal Basileu Toledo França. O conto apresentado “*Aluguel de Pasto*” está em anexo nesse trabalho.

	<p>Para o II encontro: separar um parágrafo de texto, em prosa ou verso, e tentar contá-lo, de modo a criar imagens mentais em quem ouve. O conceito de imagens mentais será discutido no II encontro.</p>
Sugestões de leitura	<p>BUSATTO, Cléo. A arte de contar histórias no século XXI. Petrópolis: Vozes, 2006.</p> <p>SISTO, Celso. O misterioso momento: a história do ponto de vista de quem ouve (e também vê!). <i>In</i>: GIRARDELLO, Gilka (org.). Baús e chaves da narração de histórias. São Paulo: Sesc, 2004.</p> <p>SMOLE, Kátia <i>et al.</i> Era uma vez na matemática: uma conexão com a literatura infantil. 4. ed. São Paulo: IME-USP, 2004.</p> <p>FRANÇA, Basileu. Vale do Rio Claro: contos goianos. Goiânia: Oriente, 1979.</p>

II ENCONTRO

Duração	60 minutos
Assunto	Princípios e fundamentos para a (o) contadora (or) de histórias: memória, imaginação, emoção e espontaneidade.
Objetivos	<p>Possibilitar às (aos) professoras (es) do 5º ano das escolas municipais, princípios e fundamentos que elucidam a prática da (o) contadora (or) de histórias, com o objetivo de contribuir para a ampliação da arte de contar histórias, seja nos espaços escolares ou noutros.</p> <p>Compreender que a presença da (o) contadora (or) envolve alguns fundamentos, como: memória, imaginação, emoção e espontaneidade, que atuam juntos na significação do texto, durante a ação do contar.</p>
Procedimentos	<p>As (os) cursistas fizeram a Contação de trecho de um conto ou poema escolhido por elas (e), cuja intenção era formar imagens mentais em quem ouvisse.</p> <p>Uma das cursistas declamou o poema “Inverno”, segundo ela, de autoria desconhecida.</p> <p>Outra cursista contou um trecho do conto “O mistério do velho casarão” de Alberto Filho.</p> <p>Um cursista declamou o poema “Exílio” de Gonçalves Dias.</p> <p>Demos prosseguimento ao encontro, expondo os slides que abordavam sobre os princípios e fundamentos basilares para a (o) contadora (or) de histórias: memória, imaginação, emoção e espontaneidade.</p> <p>Em seguida, foram apresentadas sugestões para a memorização do conto escolhido, entre elas: conhecimento da estrutura textual e divisão do conto</p>

	em partes pelas ações significativas das personagens, uso de contos acumulativos e histórias circulares.
Recursos Utilizados	Sala do <i>Google Meet</i> : https://meet.google.com/uvu-tcav-jbv Slides, material para anotação, conto “A morte da tartaruginha” de Millôr Fernandes para o terceiro encontro.
Proposta de atividades extraclasse-60 min	Foram apresentadas duas opções: 1) Escolher um conto acumulativo para memorizar uma parte dele. 2) Separar o conto “A morte da tartaruginha” de Millôr Fernandes, em partes significativas para serem memorizadas e nomear essas partes.
Sugestões de leitura	YUNES, Elina. Da interface às interações entre oralidade e leitura. <i>In</i> : MEDEIROS, Fábio Henrique Nunes; VEIGA, Maurício Biscaia; MORAES, Taíza Mara Rauen (org.). Contar Histórias : uns passarão e outros passarinho. Santa Catarina: Univille, 2015. p. 41-49. CAFÉ, Ângela. Os contadores de história na contemporaneidade : da prática à teoria, em busca de princípios e fundamentos. Goiânia: Cegraf/UFG, 2015. FERNANDES, Millôr. Fábulas fabulosas . São Paulo: Círculo do Livro, 1973. BARROS, João. A formiguinha e a neve . São Paulo: Moderna, 2001.

III ENCONTRO

Duração	60 minutos
Assunto	Escolha e preparação do repertório, preparação do espaço de contação de histórias, a linguagem corporal, acessórios, maquiagem e figurino.
Objetivos	Reconhecer a não indissociabilidade entre afetividade e cognição. Escolher e preparar um conto/livro para uma futura Contação de Histórias. Compreender que a arte literária se sobrepõe ao didatismo pedagógico na escolha das leituras para a Contação de História. Desenvolver o auto conhecimento a partir do uso das técnicas da linguagem corporal: corpo, gesto, voz, ritmo, para cada texto escolhido.
Procedimentos	Apresentação das (os) cursistas referente às técnicas escolhidas para memorização. Três cursistas dividiram o conto “A morte da tartaruginha” de Millôr Fernandes, em três partes significativas e as nomearam da mesma forma, como estratégia de memorização: morte, funeral e vida. Outra cursista apresentou a história circular “E o dente ainda doía” de Ana

	<p>Terra, explicou a técnica desenvolvida por ela para memorizar a história.</p> <p>Passamos então para a importância da escolha do repertório de Contação de Histórias e os cuidados com essa escolha, a responsabilidade da (o) contadora (or) ao alterar um história para contar com suas próprias palavras, a afetividade que deve estar presente no espaço de contação de histórias, o uso da voz na construção das personagens, o uso ou não de figurinos para se contar histórias.</p>
Recursos Utilizados	Sala do <i>Google Meet</i> : https://meet.google.com/xcm-ezsr-vds , slides, material para anotação.
Proposta de atividades extraclasse- 60 min	Selecionar um livro literário ou conto com linguagem matemática para ser apresentado no próximo encontro.
Sugestões de leitura	<p>FINARDI. Ângela. Voz, corpo e memória do contador de histórias. <i>In</i>: MEDEIROS, Fábio Henrique Nunes; VEIGA, Maurício Biscaia; MORAES, Taíza Mara Rauen (org.). Contar Histórias: uns passarão e outros passarinho. Santa Catarina: Univille, 2015. p. 79-85.</p> <p>BRENMAN. Ilan. Sobre histórias de boca, politicamente correto e literatura infantil. <i>In</i>: MEDEIROS, Fábio Henrique Nunes; VEIGA, Maurício Biscaia; MORAES, Taíza Mara Rauen (org.). Contar Histórias: uns passarão e outros passarinho. Santa Catarina: Univille, 2015. p. 97-107.</p> <p>CAFÉ, Ângela Barcellos. Os contadores de história na contemporaneidade: da prática à teoria, em busca de princípios e fundamentos. Goiânia: Cegraf/UFG, 2015.</p> <p>TERRA. Ana. E o dente ainda doía. São Paulo: DCL, 2012.</p>

IV ENCONTRO

Duração	60 minutos
Assunto	A contação de histórias e a aprendizagem das quatro operações matemáticas
Objetivos	<p>Compreender que deve se levar em conta as individualidades e os objetivos da (o) contadora (or) e de suas e seus ouvintes.</p> <p>Escolher e preparar um conto/livro com abordagem matemática para Contação de Histórias.</p> <p>Analisar a pertinência da linguagem matemática presente nos contos e livros.</p> <p>Analisar a palavra da (o) contadora (or) de histórias além da escola.</p> <p>Compreender que a impressão fundamental da história não deve ser distorcida em função de um aspecto matemático.</p>

<p>Procedimentos</p>	<p>Apresentação das (os) dos livros/contos com linguagem matemática, pelas (os) cursistas.</p> <p>Cada cursista apresentou o livro ou o conto selecionado com linguagem matemática apropriada para o ensino das quatro operações matemáticas.</p> <p>Uma cursista apresentou o conto “Os 35 camelos” de Malba Tahan e explicou como o utilizaria na Contação de Histórias, e , posteriormente nas aulas de matemática.</p> <p>Outra cursista apresentou o livro “A vizinha antipática que sabia matemática” de Eliana Martins. Também explanou formas de se trabalhar com a linguagem matemática a partir da contação de história.</p> <p>Outras e outros cursistas apresentaram livros que não abordavam somente as quatro operações, mas também conteúdos de frações e geometria, como: “O pintinho que nasceu quadrado” de Regina Chamlian e “O pirulito do pato” de José Nilson Machado.</p> <p>Passamos para a exposição do livro “Os problemas da Família Gorgonzola” de Eva Furnari.</p> <p>Como realizar a contação de sua história e a partir dela explorar a linguagem matemática com as quatro operações básicas.</p> <p>Em seguida, abordamos a fábula “A menina do leite”, atribuída a Monteiro Lobato. Da mesma forma, apresentamos a Contação e a forma de se explorar as quatro operações da matemática a partir da linguagem da história.</p> <p>As atividades matemáticas trabalhadas estão em anexo.</p> <p>Encerramos o último encontro com uma avaliação final enviada via <i>Google Forms</i>.</p>
<p>Recursos Utilizados</p>	<p>Sala do <i>Google Meet</i>: https://meet.google.com/svm-gvro-dsi</p> <p>Slides, livro “ Os problemas da Família Gorgonzola” de Eva Furnari, fábula “A menina do leite” de Monteiro Lobato, material para anotação.</p>
<p>Proposta de atividades extraclasse-60 min</p>	<p>Avaliação final do encontro enviada via <i>Google Forms</i>.</p>
<p>Sugestões de leitura</p>	<p>SISTO, Celso. Contar histórias: a poética de um narrador. <i>In</i>: MEDEIROS, Fábio Henrique Nunes; VEIGA, Maurício Biscaia; MORAES, Taíza Mara Rauen (org.). Contar Histórias: uns passarão e outros passarinho. Santa Catarina: Univille, 2015. p. 150-155.</p> <p>BRENMAN, Ilan. Sobre histórias de boca, politicamente correto e literatura infantil. <i>In</i>: MEDEIROS, Fábio Henrique Nunes; VEIGA, Maurício Biscaia; MORAES, Taíza Mara Rauen (org.). Contar Histórias: uns passarão e outros passarinho. Santa Catarina: Univille, 2015. p. 97-107.</p> <p>CAFÉ, Ângela. Os contadores de história na contemporaneidade: da prática à teoria, em busca de princípios e fundamentos. Goiânia: Cegraf/UFG, 2015.</p> <p>SMOLE, Kátia <i>et al.</i> Era uma vez na matemática: uma conexão com a literatura infantil. 4. ed. São Paulo: IME-USP, 2004.</p>

Sugestões de obras literárias com linguagem matemática	<p>TAHAN, Malba. Os 35 camelos. <i>In:</i> TAHAN, Malba. O homem que calculava. 102.ed. São Paulo: Record, 2001.</p> <p>MARTINS, Eliana. A vizinha antipática que sabia matemática. São Paulo: Melhoramentos, 2014.</p> <p>CHAMLIAN, Regina. O pintinho que nasceu quadrado. São Paulo: Global, 2007.</p> <p>MACHADO, José. O pirulito do pato. 5. ed. São Paulo: Scipione. 2004.</p> <p>FURNARI, Eva. Os problemas da família Gorgonzola: desafios matemáticos. São Paulo: Global, 2005.</p> <p>LOBATO, Monteiro. A menina do leite. LOBATO, Monteiro. <i>In:</i> Fábulas. 23.ed. São Paulo: Brasiliense, 1971.</p> <p>RANGEL, Dulce. Um amor de confusão. 3. ed. São Paulo: Moderna, 2018.</p> <p>KOZMINSKI, Edson. As três partes. 12. ed. São Paulo: Ática, 2019.</p> <p>STROGATZ, Steven. A matemática do dia a dia. São Paulo: Alta Books, 2017</p> <p>BUENO, Renata. Poemas problemas. São Paulo: Editora do Brasil, 2012.</p> <p>FLORA, Anna. O macaco que calculava. São Paulo: Formato, 2019.</p>
--	--

DURAÇÃO DO MINICURSO EM HORAS

Atividades presenciais	4 x 60 min= 4 h
Atividades não presenciais (extraclasse)	4 x 60 min= 4h
Total de horas	8h

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Percebemos, por meio da avaliação final enviada às (aos) cursistas, via Google Forms, que elas (es) analisaram os encontros de forma positiva para a sua prática docente, mas levantaram algumas limitações como: ter sido ministrado de forma remota e a carga horária ter sido pequena. Como pontos positivos, observaram: a necessidade de formação contínua das (dos) docentes, a apropriação dos princípios e fundamentos da Contação de Histórias, a aprendizagem da matemática a partir da contação de histórias e como selecionar a literatura para uma abordagem matemática.

Transcrevemos duas das dez respostas enviadas pelas (os) cursistas. As duas foram selecionadas devido abordar no texto resposta todas as insignias propostas pela formadora para a elaboração da avaliação final, a saber: contribuição do minicurso para a prática docente, domínio da formadora sobre o assunto, limitações para assistir aos encontros, recursos utilizados e carga horária. As respostas foram transcritas tal qual foram enviadas.

O curso contribuiu muito com minha prática profissional, pois consegui perceber a importância da literatura associada a matemática para a aprendizagem dos alunos. A pesquisadora demonstrou experiência e domínio com o conteúdo, o que facilitou o entendimento da proposta do curso. Apesar das limitações de estarmos a distância, isso não prejudicou em nenhum aspecto o nosso curso. Parabéns pela proposta da pesquisa e me estimulou a buscar mais e aprender sobre a literatura associada a matemática. Irei aplicar as aprendizagens com minha sala de aula porque percebo que contribui com um processo de aprendizagem significativa.(CURSISTA 1)

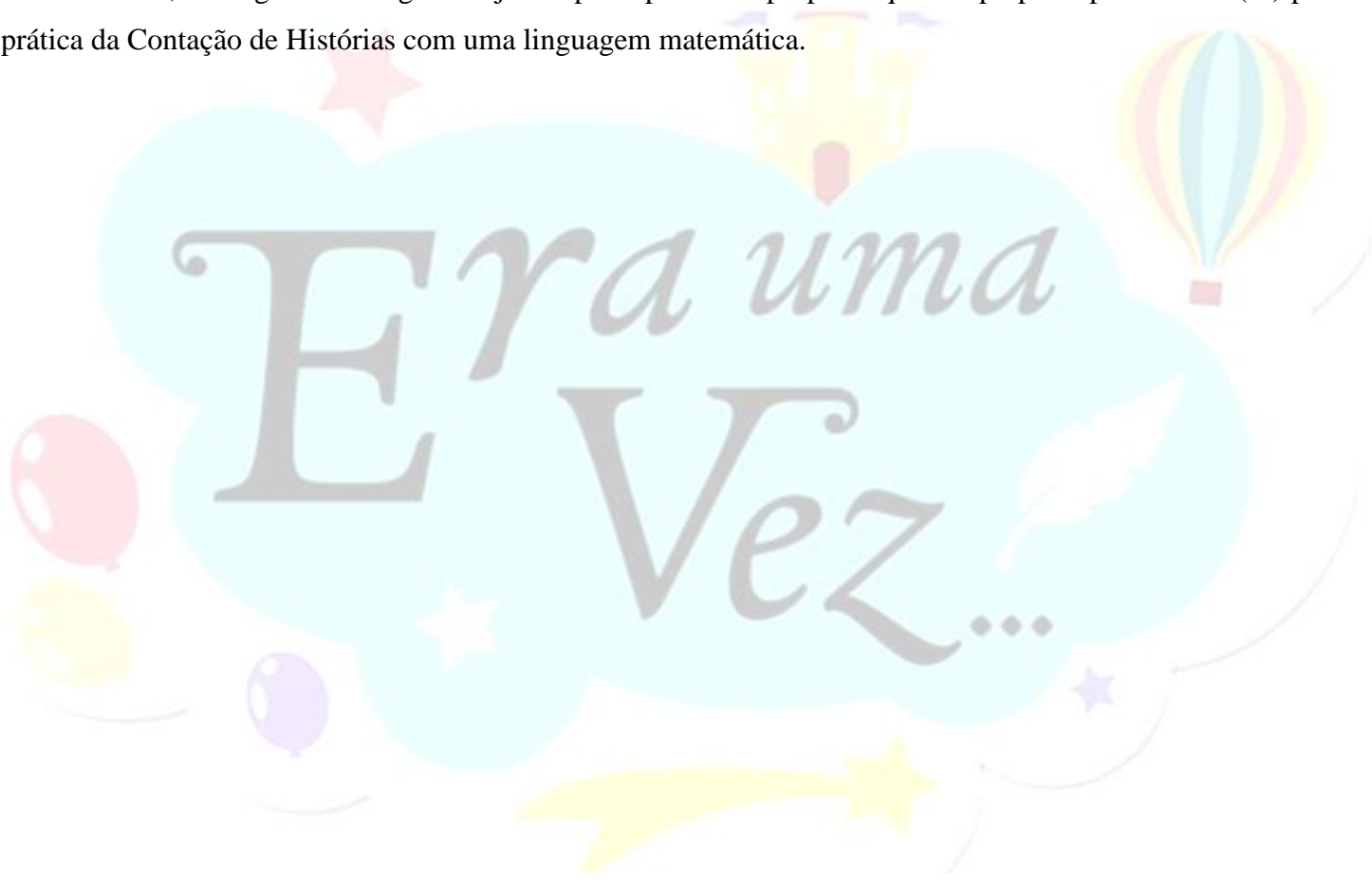
O Curso de Formação Docente foi excelente. Os conteúdos ministrados foram de suma importância e contribuíram para uma nova visão da contação de histórias assim como o ensino da matemática. Os recursos utilizados e o suporte tecnológico foram proveitosos proporcionando interação entre os participantes e a pesquisadora. O domínio do conteúdo pela pesquisadora é sensacional. Percebemos o quanto a pesquisadora possui conhecimento e prática nos conteúdos ministrados. Devido a qualidade do curso a carga horária deveria ser ampliada ou ter o Curso de Formação II. Com certeza minha prática na docência foi aprimorada e aperfeiçoada com esse curso de Formação. O curso foi agradável e enriquecedor.(CURSISTA 2)

A nossa avaliação coincide com a das (dos) cursistas, no sentido de uma carga horária maior, visto que os princípios e fundamentos da contação de histórias são muitos, o que demanda tempo para a sua apropriação, no entanto, por estar ciente do desgaste mental e físico em que se encontram muitas (os) docentes, devido ao estresse provocado pela pandemia, procuramos respeitar essa situação e diminuir a carga horária. Também concordamos que um minicurso voltado para a Contação de Histórias, seja para a aprendizagem matemática ou não, a interação

peçoal é um fator preponderante, o que não foi possível, também devido à necessidade de isolamento. Quando um cursista expõe sobre a necessidade de um Curso de Formação II, achamos válido e a sugestão já se torna uma proposta para futuros estudos.

Pelo interesse das (dos) cursistas nos encontros e, ainda, por terem pedido o material utilizado no minicurso para adaptarem às suas aulas e/ou turmas, a solicitação dos livros e/ou contos lidos pela pesquisadora e também pelas (os) participantes, leva-nos a crer que a Contação de Histórias com abordagem matemática auxiliará essas (es) docentes a desenvolverem a aprendizagem das quatro operações básicas da matemática.

Assim, conseguimos atingir o objetivo principal dessa proposta que era preparar professoras (es) para a prática da Contação de Histórias com uma linguagem matemática.



REFERÊNCIAS

- BETTELHEIM, Bruno. **A psicanálise dos contos de fadas**. 16. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2002.
- CAFÉ, Ângela Barcellos. **Os contadores de história na contemporaneidade: da prática à teoria, em busca de princípios e fundamentos**. Goiânia: Cegraf/UFG, 2015.
- CONTAÇÃO de histórias. Realizado por Vânia Alves Carvalho. [Jataí]: [S.n.], 2021. 1 vídeo (30:09 min). Publicado pelo canal Luciana Cândido. Disponível em: <https://youtu.be/5u-EGEKlcio>. Acesso em: 29 nov. 2021.
- DAMIANI, Magda Floriana. Pelotas. Sobre pesquisas do tipo intervenção. *In: XVI ENCONTRO NACIONAL DE DIDÁTICA E PRÁTICAS DE ENSINO, ENDIPE*, 16, 2012, Campinas. **Anais...** Campinas: Unicamp, 2012. Livro 3, p. 2878 -2886. Disponível em: <http://endipe.pro.br/ebooks-2012/2345b.pdf>. Acesso em: 22 nov. 2019.
- DANTAS, H. **Afetividade e a construção do sujeito na psicogenética de Wallon, em La Taille, Y., Dantas, H., Oliveira, M. K. Piaget, Vygotsky e Wallon: teorias psicogenéticas em discussão**. São Paulo: Summus Editorial Ltda, 1993.
- DUARTE, N. **As pedagogias do aprender a aprender e algumas ilusões da assim chamada sociedade do conhecimento**. Campinas: Autores Associados.2017.
- LEITE, Sérgio Antônio da Silva (org.). **Afetividade e práticas pedagógicas**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2006.
- MATOS, Gislayne Avelar. **A Palavra do Contador de Histórias: suas dimensões educativas na contemporaneidade**. São Paulo: Martins Fontes, 2014.
- PARREIRAS, Ninfa. **Confusão de Línguas na Literatura: o que o adulto escreve, a criança lê**. Belo Horizonte: RHJ, 2009.
- SMOLE, Kátia Cristina Stocco. **Era uma vez na matemática: uma conexão com a literatura infantil**. 4. ed. São Paulo: IME-USP, 2004.
- SMOLE. Kátia C.S. Textos em matemática: por que não? Ler escrever e resolver problemas: habilidades básicas para aprender. *In: DINIZ, Maria Ignez; SMOLE, Kátia C. S. (org.). Ler, escrever e resolver problemas: Habilidades básicas para aprender matemática* São Paulo: IME-USP, 2007. p. 29-68
- VILLARDI, Raquel. **Ensinando a gostar de ler**. Belo Horizonte: Dunya, 2012.
- YUNES, Elina. Da interface às interações entre oralidade e leitura. *In: MEDEIROS, Fábio.H.N; VEIGA, Maurício B.; MORAES, Taíza M.R. (org.). Contar Histórias: uns passarão e outros passarinho*. Santa Catarina: Univille, 2015. p. 41- 49,
- ZILBERMAN, Regina. Os Congressos de Leitura [COLEs] e a crise de leitura, então e agora. **Leitura: Teoria & Prática**, v. 34, n.67, p.27-38, 2016. Disponível em: <https://ltp.emnuvens.com.br/ltp/article/view/509/330>. Acesso em: 3 dez.2019.

APÊNDICES

Apêndice I: atividade utilizada no quarto encontro. Por meio da fábula é possível abordar outras disciplinas, porém, optamos por disponibilizar apenas as referentes à disciplina de Matemática.

A menina do leite

Laurinha, no seu vestido novo de pintas vermelhas, chinelos de bezerro, treque, treque, treque, lá ia para o mercado com uma lata de leite à cabeça — o primeiro leite da sua vaquinha mocha. Ia contente da vida, rindo-se e falando sozinha.

— Vendo o leite — dizia, e compro uma dúzia de ovos. Choco os ovos e antes de um mês já tenho uma dúzia de pintos. Morrem...dois, que sejam, e crescem dez—cinco frangas e cinco frangos. Vendo os frangos e crio as frangas, que crescem e viram ótimas botadeiras de duzentos ovos por ano cada uma. Cinco mil ovos! Choco tudo e lá me vem quinhentos galos e mais outro tanto de galinhas. Vendo os galos. A dois cruzeiros cada um — duas vezes cinco, dez...mil cruzeiros! Posso então comprar doze porcas de cria e mais uma cabrita. As porcas dão-me, cada uma, seis leitões. Seis vezes doze...

Estava a menina nesse ponto quando tropeçou, perdeu o equilíbrio e, com lata e tudo, caiu um grande tombo no chão. Pobre Laurinha! Ergueu-se chorosa, com um ardor de esfoladura no joelho; e enquanto espanejava as roupas de pó, viu sumir-se, embebido pela terra seca, o primeiro leite de sua vaquinha mocha e com ele os doze ovos, as cinco botadeiras, os quinhentos galos, as doze porcas de cria, a cabritinha—todos os belos sonhos de sua ardente imaginação.

LOBATO, Monteiro. A menina do leite. In: LOBATO, Monteiro. **Fábulas**. 23.ed. São Paulo: Brasiliense, 1971.

- 1) Oralidade: vocês já ouviram falar dessa moeda Cruzeiro que aparece na fábula? Quanto valeria hoje um Cruzeiro?
- 2) “— Vendo o leite— dizia— e compro uma dúzia de ovos. Choco os ovos e antes de um mês já tenho uma dúzia de pintos.”
 - A) A quem se refere essa fala?
 - B) Quantos ovos a menina pretende comprar com o dinheiro do leite?
 - a) () 12 ovos
 - b) () 20 ovos
 - c) () 15 ovos
- 3) Oralidade: vocês já ouviram falar dessa moeda Cruzeiro que aparece na fábula? Quanto valeria hoje um Cruzeiro?
- 4) “— Vendo o leite— dizia— e compro uma dúzia de ovos. Choco os ovos e antes de um mês já tenho uma dúzia de pintos.”
 - A) A quem se refere essa fala?
 - B) Quantos ovos a menina pretende comprar com o dinheiro do leite?
 - a) () 12 ovos
 - b) () 20 ovos
 - c) () 15 ovos

5) Se Laurinha comprasse 8 dúzias de ovos e para cada dúzia morressem 2 pintinhos, quantos pintinhos Laurinha teria em um mês?

6) Laura estima que cada galinha botadeira possa botar 200 ovos por ano. Com essa expectativa, quantos ovos a menina teria em 30 meses?

7) Vamos seguir o raciocínio de Laurinha:

1º passo: _____

2º passo: Comprar _____ de ovos.

3º passo: Chocar os ovos e obter _____ frangas e _____ frangos.

4º passo: Vender _____ e criar _____.

5º passo: Cada galinha produzir _____ ovos por ano.

6º passo: Chocar _____ ovos e conseguir _____ galos e _____ galinhas.

7º passo: Vender os _____ a _____ cruzeiros cada.

8º passo: Comprar _____ porcas e _____ cabrita.

9º passo: As porcas dão-me cada uma _____ leitões. Seis vezes doze _____.

7.1) Laurinha conseguiu concluir o seu raciocínio? O que aconteceu?

Observação para a (o) professora (or): caso ache necessário, realizar a conversão das moedas de Cruzeiro para Real.

ANEXOS

Anexo I: Conto enviado via *WhatsApp* para preparação do I encontro.

Aluguel de pasto

- De onde o senhor veio?
—Pra lá de Sta. Rita do Araguaia.
—Mato Grosso?
—É
—E aonde ia?

- Aqui mesmo no Jataí, sim senhor. Modo tratar da saúde.
—Por que não tratou por lá?
—Nosso comercinho ainda é fraco, não tem hospital nem médico formado.

O delegado olhou bem o rosto pálido do homem cinquentão. Suas feições eram duras, de pessoa curtida de sol, os cabelos negros e luzidios, lembrando ascendência borora e tinha nas mãos o chapéu de feltro surrado, que não parava entre os dedos. Sentado ali de frente, no banco rústico da delegacia, era a figura da humildade e do desamparo.

—Olhe, doutor, o senhor há que desculpar, mas só vim aqui pra pedir a sua ajuda, porque esse cavalo é a única coisa que me resta. Não posso ficar sem ele não.

—Bem, bem, bem, vamos ouvir a outra parte. Vamos ouvir.

Tenente Antônio Remus, um loirão avermelhado de 1,80 de altura, ergueu-se dentro da farda amarela, ajeitou o talabarte preto e saiu calmamente batendo os tacões das botas lustrosas nas tábuas largas do casarão da cadeia, onde funcionava o seu gabinete. Pelas janelas, vários retângulos azuis, viam-se retalhos de ruas e telhados entre copas de mangueira. Quando ele chegou perto do velho sino, que aparecia preso do lado de fora, junto ao beiral, puxou a corda suja e deu duas vigorosas badaladas. *Tem, tem.* Antes que voltasse ao seu lugar, o ordenança subiu as escadas saltando degraus e apresentou-se, batendo firme os calcanhares.

—Pronto, tenente.

—Pode ficar à vontade. Pegue o carro e traga aqui imediatamente, o turco Jacob, aquele que aluga pasto na saída para o Canal de Simão.

—Sim, senhor. Com licença.

Em pouco tempo, o chevrolezinho modelo 1925, que mais parecia um guarda-louças no dizer do povo, roncou embaixo perto das celas e saiu levantando a poeira do largo.

—Escute aqui uma coisa. Como é mesmo o seu nome?

—Antenor. Antenor dos Reis, para lhe servir.

—Escute aqui uma coisa, seu Antenor, me conte de novo essa história. Comece tudo do começo. Tin-tim por tin-tim.

—Que não seja por isso, doutor delegado. É como eu já lhe disse, quando eu vi que não encontrava mais recursos onde vivia, perto do garimpo, vendi os trenzinhos que possuía, comprei o Ventania arreado e saí de viagem, para me tratar aqui no sudoeste. Foi dia 08 de julho. Hoje é dia 15 de setembro, o senhor faz as contas.

Estava muito doente, nem sei como tive animação para meter o pé no mundo. Mas é como diz o ditado: necessidade

faz sapo pular. Lá vim eu perrengando por esses campos a fora. Comendo o pão que o diabo amassou com o rabo. Para aqui. Dorme ali. Demora uns dias nesta fazenda, descansa uns dias naquela outra. Até que finalmente o meu cavalo Ventania alcançou Jataí e eu criei uma alma nova. “Estou salvo, pensei comigo mesmo”. Cheguei pro doutor Plínio Camargo, o senhor conhece? Conteí o meu mal e ele decretou sem demora logo incontinentemente “precisa operar, amigo, se quiser sarar”. Foi aí então que surgiu toda a encrenca em que estou metido. Onde eu vou deixar o meu cavalo Ventania? Perguntei. Muito fácil, foi a resposta, põe no pastinho do Jacob e está tudo resolvido. Assim fiz eu, procurei o alugador de pasto, entreguei o animal com arreio e tudo, certo de que num mês, o mais tardar, estaria fora do hospital. Como o pasto era de 500 réis o dia, eu lhe pagaria 15 mil réis e voltaria lampeiro para a minha casa.

Aconteceu, porém que o corte da operação azangou—ele levantou a camisa e mostrou um rasgo enorme na boca do estômago— e eu fiquei dois meses morre-não-morre na casa de saúde. De vez em quando, sonhava com meu Ventania cor de canela, das crinas longas, marchando comigo de volta pra casa. Aquilo me ajudava a sarar, doutor delegado. Sentia melhor das dores e das febres. Os dias foram passando lentamente e depois daquele tempão todo, que parecia não acabar nunca, recebi alta com uma recomendação do doutor Plínio: “Olhe Antenor, você precisa viajar com cuidado. Não se esforce muito, na volta para sua casa.” Mas o Ventania, macio como uma rede quando ele marcha, era a minha esperança. Só pensava nele. Mais do que depressa saí do hospital e fui buscar o bicharedo na casa do turco.

Assim que cheguei, modo acertar o aluguel do pasto, o homem foi logo me dizendo: “Já fiz as contas, você me deve sessenta mil réis. “Eu assustei, porque o nosso trato—de acordo com os preços daqui— era pagar 500 réis por dia. Lembrei ao homem a palavra empenhada e ele riu com deboche. “Que palavra, mané palavra, siô. O cavalo vale 50 mil réis, segundo você mesmo me disse, logo ainda me deve uma nota de dez. Pode, se quiser, me pagar com arreio, baldrana e a capa “Ideal” que está nessa mochila.” Seu doutor delegado, eu que só tinha uns 30 réis no bolso, vi de repente que estava em pé em cima das cochas.

O turco ficou com tudo e não queria mais conversa, deu na mala, virou valente quando lhe fiz a última proposta: “O senhor fica então com o arreio, toma esse dinheiro do aluguel do pasto e eu viajo em pelo, não tem importância.”

Sabe qual foi a resposta, sabe? Me deu uma banana fartaveiaca na cara —repetiu o gesto com os braços— e mandou que eu fosse queixar ao bispo. Como sei, por ouvi dizer, que o senhor é um homem justiceiro, vim aqui e aqui estou pro doutor delegado resolver o meu caso.

O automóvel do tenente chegou acelerado e parou em frente ao casarão da cadeia. Bateram as portas. Passos na escada que subia para o primeiro andar. Uma juntada de calcanhares.

—Pronto, seu delegado. O turco está aí fora.

—Mande entrar.

O vendeiro da saída para o Canal chegou ressabiado, com os olhos em cima do reclamante.

—Que foi que aconteceu, tenente Remus?

—Eu é que lhe pergunto. Sente-se.

—Mas o senhor me chamou por causa desse pau-rodado?— Ergueu ligeiramente a voz.

—Fale mais baixo!— Gritou a autoridade, dando um murro na mesa. —E só responda o que eu lhe perguntar.

Está ouvindo?

Houve um silêncio constrangedor na sala. Passados alguns instantes, o tenente voltou-se para o chacareiro e agiota, como quem inicia uma conversa amistosa, e indagou em tom pausado:

—Este cidadão deixou um cavalo em sua chácara?

—Deixou.

—Que dia?

—15 de julho...

—Há dois meses portanto.

—Sim, senhor.

—Por quanto combinou o aluguel do pasto?

—O preço da praça.

—Não desconverse. Quero saber quanto por dia. Quanto foi?

—500 réis.

Jacob olhou para o lado do banco, onde Antenor simplesmente ouvia, sem interrompê-lo. O queixoso movimentou a cabeça, confirmando as suas palavras.

—Então ele lhe deve só 30 mil réis. Só isto. Como é que quer ficar com o cavalo e o arreio para pagamento da dívida?

—Não ficou só nisto não, seu delegado. Tratei o animal a farelo, mantive o bicho sempre em forma, fazendo marchas diárias com ele...

—Perdão, doutor delegado—interveio a vítima—os vizinhos do vendeiro me disseram que o Ventania virou cavalo de custeio lá da casa dele. Trabalhou mais do que comeu.

—O senhor não podia usar o cavalo em serviços particulares, seu Jacob. Ele estava pagando aluguel e o trato não incluía esta parte. Ou incluía?

Olhou para um e em seguida para outro.

—Não, não.

Responderam ao mesmo tempo.

—Desse modo—apontou para o rabastacha—precisa calcular aí o valor do cavalo, que o senhor usou sem ordem do dono, durante esse tempo todo.

—Bom, tenente, eu não faço questão de 30 mil réis. Isto eu dou de esmola pra esse coitado, que precisa muito mais do que eu.

—Está certo, já tomei nota. Mas vamos fazer o cálculo de tudo, como deve ser feito. Direitinho.

Pegou o bloco e começou a escrever, falando em tom de voz que os dois pudessem ouvir.

—Aluguel do pasto a 500 réis, durante 60 dias: 30 mil réis, aluguel do cavalo... Quanto cobraria pelo cavalo arreado, seu Antenor?

—Aqui em Jataí, o preço da diária é 500 réis também.

—Então, aluguel do cavalo a 500 réis por dia, durante dois meses: 30 mil réis. Ficam elas por elas seu Jacob. Entregue o animal para este homem, do jeito que lhe foi confiado. Com arreio, capa e mochila.

—Sim, senhor.

—Podem se retirar.

Quando o espertalhão ia saindo da sala, já no topo da escada, tenente Ramos chamou por ele.

—Senhor Jacob, venha cá.

—Falta alguma coisa, delegado?

—Isto mesmo. Falta a esmola que o senhor deu para o freguês, mas ainda não entregou.

O homem meteu a mão no bolso, muito contrafeito, e passou três notas de 10 para o dono do cavalo.

Anexo II: conto utilizado no II encontro com o objetivo de dividi-lo em partes significativas para facilitar a memorização.

A morte da tartaruga

O menino foi ao quintal e voltou chorando: a tartaruga tinha morrido. A mãe foi ao quintal com ele, mexeu na tartaruga com um pau (tinha nojo daquele bicho) e constatou que a tartaruga tinha morrido mesmo. Diante da confirmação da mãe, o garoto pôs-se a chorar ainda com mais força. A mãe a princípio ficou penalizada, mas logo começou a ficar aborrecida com o choro do menino. “Cuidado, senão você acorda seu pai”. Mas o menino não se conformava. Pegou a tartaruga no colo e pôs-se a acariciar-lhe o casco duro.

A mãe disse que comprava outra, mas ele respondeu que não queria, queria aquela, viva! A mãe lhe prometeu um carrinho, um velocípede, lhe prometeu uma surra, mas o pobre menino parecia estar mesmo profundamente abalado com a morte do seu animalzinho de estimação. Afinal, com tanto choro, o pai acordou lá dentro, e veio, estremunhado, ver de que se tratava.

O menino mostrou-lhe a tartaruga morta. A mãe disse: — “Está aí assim há meia hora, chorando que nem maluco. Não sei mais o que fazer. Já lhe prometi tudo, mas ele continua berrando desse jeito”. O pai examinou a situação e propôs: — “Olha, Henriquinho, se a tartaruga está morta não adianta mesmo você chorar. Deixa ela aí e vem cá com o pai.”

O garoto depôs cuidadosamente a tartaruga junto do tanque e seguiu o pai, pela mão. O pai sentou-se na poltrona, botou o garoto no colo e disse: — “Eu sei que você sente muito a morte da tartaruguinha. Eu também gostava muito dela. Mas nós vamos fazer pra ela um grande funeral”. (Empregou de propósito uma palavra difícil). O menino parou imediatamente de chorar. “Que é funeral?” O pai lhe explicou que era um enterro. “Olha, nós vamos à rua, compramos uma caixa bem bonita, bastante balas, bombons, doces e voltamos para casa. Depois botamos a tartaruga na caixa em cima da mesa da cozinha e rodeamos de velinhas de aniversário.

Aí convidamos os meninos da vizinhança, acendemos as velinhas, cantamos o “Happy-Birth-DayTo-You” pra tartaruguinha morta e você assopra as velas. Depois pegamos a caixa, abrimos um buraco no fundo do quintal, enterramos a tartaruguinha e botamos uma pedra em cima com o nome dela e o dia em que ela morreu. Isso é que é funeral! Vamos fazer isso?” O garotinho estava com outra cara. “Vamos, papai, vamos! A tartaruguinha vai ficar contente lá no céu, não vai? Olha, eu vou apanhar ela”. Saiu correndo.

Enquanto o pai se vestia, ouviu um grito no quintal. “Papai, papai, vem cá, ela está viva!

O pai correu pro quintal e constatou que era verdade. A tartaruguinha estava andando de novo, normalmente. “Que bom, hein?” — disse — “Ela está viva! Não vamos ter que fazer o funeral!” “Vamos sim, papai” — disse o menino ansioso, pegando uma pedra bem grande — “Eu mato ela”.

Anexo III: fábula utilizada no IV encontro.

A menina do leite

Laurinha, no seu vestido novo de pintas vermelhas, chinelos de bezerro, treque, treque, treque, lá ia para o mercado com uma lata de leite à cabeça — o primeiro leite da sua vaquinha mocha. Ia contente da vida, rindo-se e falando sozinha.

— Vendo o leite — dizia, e compro uma dúzia de ovos. Choco os ovos e antes de um mês já tenho uma dúzia de pintos. Morrem...dois, que sejam, e crescem dez—cinco frangas e cinco frangos. Vendo os frangos e crio as frangas, que crescem e viram ótimas botadeiras de duzentos ovos por ano cada uma. Cinco mil ovos! Choco tudo e lá me vem quinhentos galos e mais outro tanto de galinhas. Vendo os galos. A dois cruzeiros cada um — duas vezes cinco, dez...mil cruzeiros! Posso então comprar doze porcas de cria e mais uma cabrita. As porcas dão-me, cada uma, seis leitões. Seis vezes doze...

Estava a menina nesse ponto quando tropeçou, perdeu o equilíbrio e, com lata e tudo, caiu um grande tombo no chão. Pobre Laurinha! Ergueu-se chorosa, com um ardor de esfoladura no joelho; e enquanto espanjava as roupas de pó, viu sumir-se, embebido pela terra seca, o primeiro leite de sua vaquinha mocha e com ele os doze ovos, as cinco botadeiras, os quinhentos galos, as doze porcas de cria, a cabritinha—todos os belos sonhos de sua ardente imaginação.

LOBATO. Monteiro. A menina do leite. *In*: LOBATO, Monteiro.. Fábulas. 23.ed. São Paulo: Brasiliense, 1971.

Anexo IV: imagens do livro “Os problemas da Família Gorgonzola” de Eva Furnari, utilizado no quarto encontro (não foram disponibilizadas todas as imagens do livro). As imagens expostas são para ilustrar a forma que as quatro operações matemáticas são apresentadas no próprio enredo do livro.

